

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR LITORAL

MARJORIE CHAVES RAMOS

**SER- TÃOZINHO CAIÇARA: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A IDENTIDADE CAIÇARA
DO BAIRRO SERTÃOZINHO NO MUNICÍPIO DE MATINHOS-PARANÁ**

MATINHOS
2019

MARJORIE CHAVES RAMOS

**SER- TÃOZINHO CAIÇARA: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A IDENTIDADE CAIÇARA
DO BAIRRO SERTÃOZINHO NO MUNICÍPIO DE MATINHOS-PARANÁ**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao curso de Gestão Ambiental da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Gestão Ambiental.

Orientador: Professor Antonio Luis Serbena

MATINHOS
2019

1. RESUMO

O presente trabalho é um descritivo da construção do documentário “SerTãozinho Caiçara”, produzido por meio do Programa Laboratório Móvel de Educação Científica da UFPR Litoral- Labmóvel. Busca-se expor através deste trabalho, desde a concepção da temática do documentário, referencial teórico, pesquisas iconográficas, assim como metodologias para realização do mesmo. Pretende-se através deste filme, despertar o sentimento de pertencimento à cultura caiçara através de memórias e relatos sobre práticas culturais de moradores do bairro Sertãozinho, situado no município de Matinhos, Litoral do Paraná. Diante do cenário de desvalorização e perda cultural, espera-se, através deste documentário permitir que demais caiçaras do litoral paranaense identifiquem-se como tal.

Palavras- chave: identidade; caiçara, sertãozinho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa mental	9
Figura 2 –Espiral de assuntos.....	10
Figura 3 – Programa de edição.....	12

2. APRESENTAÇÃO

Para compreender a construção do documentário “Ser tãozinho Caiçara” é necessário encará-lo como parte do meu processo de auto reconhecimento como caiçara portanto, a construção do mesmo se entrelaça com a minha trajetória pessoal.

A concepção do presente documentário iniciou-se em 2015, assim como meu ingresso no curso de Gestão Ambiental. Esse foi o início da minha convivência com a pluralidade de identidades dos meus colegas de sala. Até então meu núcleo de convivência era composto por pessoas cujas culturas eram similares às minhas, isso permitiu a construção da minha identidade. A compreensão desses processos ocorre a partir das experiências oportunizadas pela Gestão Ambiental. Os primeiros meses de convivência com meus colegas foram suficientes para que eu percebesse que haviam peculiaridades que nos distinguiam e, ao mesmo tempo, me aproximavam dos meus familiares e conhecidos. A busca por referenciais teóricos sobre caiçara sempre me levavam para pesquisas que abordavam a identidade caiçara do Litoral de São Paulo ou apontavam o Litoral do Paraná como um território em que a cultura caiçara já foi extinguida. Surgiu a ideia de utilizar meu projeto de aprendizagem como um instrumento de visibilizar práticas da cultura caiçara que estão se extinguindo. A iminência da perda cultural fez com que eu compreendesse que o meu objetivo com meu projeto de aprendizagem não era o registro dessas práticas culturais somente para o meio acadêmico, mas sim para as pessoas que mantêm a cultura caiçara viva. Diante disso, a escolha da linguagem escrita não pareceu ser suficiente. Então optei pela linguagem audiovisual.

A ideia da construção do filme assume outro papel na minha vida no ano de 2016. A perda se materializou através da morte do meu avô Alaor Ramos. Existem muitas formas de lidar com o luto. De forma inconsciente, por dois anos passei a buscar pessoas que de alguma forma me lembrassem meu avô e reforçassem tudo que aprendi com ele, e que me ensinassem práticas com o fim de manter as memórias do meu avô e a cultura caiçara viva.

As reflexões e os registros dessas experiências tiveram início no ano de 2018. Em meio a essas buscas, ouvindo histórias, vivenciando a fé, tecendo cestos e tarrafas, o filme passou a acontecer. O filme que compreendo não só pelo produto final, mas sim por todo o processo de descoberta que passei ao longo desses anos e que continuará ocorrendo ao longo da minha vida.

3 O documentário

A escolha da utilização da ferramenta audiovisual através do documentário justifica-se por ser um importante instrumento para além da linguagem escrita, que permite ao espectador a aproximação com o assunto tratado. Para Rabiger “experimentar o ponto de vista de um personagem ou narrador significa deixar temporariamente sua própria existência para adentrar a de outra pessoa, sentindo a sua realidade emocional e psicológica” (RABIGER, 2009 p.263).

Diante da iminência da perda cultural, a utilização do documentário tornou-se a melhor opção para retratar as práticas culturais e para difusão de saberes. Paes (1998) aborda que a transmissão de conhecimentos da cultura caiçara ocorre através da oralidade, da linguagem falada, validando o papel da linguagem audiovisual para retratar a realidade. Para (BARROS, 2007. p.22) “O Cinema, assim, apresenta-se como tecnologia adicional para a História Oral – acrescentando uma nova dimensão à coleta de depoimentos”. Para o autor,

a fonte cinematográfica, particularmente a fonte fílmica, torna-se evidentemente uma documentação imprescindível para a História Cultural – uma vez que ela revela imaginários, visões de mundo, padrões de comportamento, mentalidades, sistemas de hábitos, hierarquias sociais cristalizadas em formações discursivas, e tantos outros aspectos vinculados à de uma determinada sociedade historicamente localizada.

Castro (2008) define o documentário como uma porta de entrada para o desenvolvimento cultural e aponta como uma importante ferramenta de mobilização, que possibilita a valorização dos aspectos pessoais. Barros (2007) considera o cinema não só como um meio de expressão cultural, mas como um poderoso agente histórico que permite a representação de realidades históricas e carrega consigo vozes sociais e suas formas de resistência.

4.O Caiçara

Diegues (1996) conceitua caiçara, como os habitantes do Litoral do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná que são frutos da miscigenação entre índio, português e negro. Apresentam através das práticas culturais grande influência da cultura indígena, como a prática da coivara, atividade que consiste na queima de áreas para plantio, fabricação de canoas e farinha. O autor ressalta características do modo de vida caiçara e consequente influência na relação com o bioma Mata Atlântica.

O isolamento geográfico relativo ao modo de vida tradicional, caracterizado pela fraca acumulação de capital, dependência limitada da economia de mercado, importância das relações de parentesco, tecnologias manuais de pouco impacto sobre a natureza, fizeram com que seu território da Mata Atlântica se mantivesse relativamente bem conservado (DIEGUES, 1998 p.140).

Para (PAES, 1999 p. 14) o modo de relação do caiçara com a natureza é caracterizado por “um complexo conhecimento do mar, da mata, do rio, do mangue. Envolvendo um longo aprendizado, um processo de socialização desde a infância”.

Godelier (1984, apud. Diegues, 1996) destaca como elemento importante da relação de comunidades tradicionais com a natureza, a noção de território como um espaço de interação e acesso a recursos naturais.

Essa porção da natureza fornece, em primeiro lugar, a natureza do homem como espécie, mas também: a) os meios de subsistência; b) os meios de trabalho e produção; c) os meios de produzir os aspectos materiais das relações sociais, que compõem a estrutura determinada de uma sociedade (GODELIER, 1984 apud. DIEGUES, 1996, p. 85).

Cuche (1999) define a cultura como uma forma de expressar características através de práticas.

Cada cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas dessa maneira. Este estilo, este “espírito” próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos. (CUCHE, 1999, p. 45).

Os conhecimentos tradicionais da cultura caiçara são construídos através da sua relação com a natureza. Diegues (1999, p.30) caracteriza essas relações como “conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração”. Esses saberes constituem memórias coletivas. Para Paes (1998, p.11) “A ‘memória coletiva’ como cultura, resgata a identidade de uma comunidade e faz transcender no tempo a sua história construída pela mesma, trazendo os sujeitos à realidade, construída por eles mesmos e por seus ancestrais”.

Tilio (2009) fala da relação do conceito de cultura e de identidade, abordando que “as identidades de um indivíduo podem levar a sua inclusão em determinadas culturas e comunidades discursivas.”

5. Argumento

O documentário “Ser tãozinho Caiçara” tem como objetivo mostrar a identidade caiçara do bairro Sertãozinho. O documentário surge do processo pessoal de reconhecimento e construção enquanto caiçara, aliado à necessidade de registros de práticas culturais caiçaras no município de Matinhos. Outro fator decisivo na escolha da temática e da linguagem se dá pelo contato que tive ao longo da minha trajetória acadêmica com percepções equivocadas sobre os identidade e práticas dos caiçaras.

Diante da iminência da perda de saberes e práticas que se encontram em suas últimas gerações, o presente documentário, através de relatos de pessoas que ainda exercem práticas tradicionais documentados através da linguagem audiovisual expõem, a identidade caiçara do bairro Sertãozinho, no município de Matinhos-Paraná, onde vivo desde o meu nascimento.

6. Estrutura do documentário

O documentário foi estruturado em 7 partes, sendo elas:

6.1 Prólogo

Foi utilizado no prólogo uma maleta que pertenceu ao meu bisavó, que contém pertences da família. A maleta é utilizada, metaforicamente, para demonstrar as lembranças familiares.

6.2 Ser tão Maduro

Neste capítulo é contado pelo meu tio- avô Raulino Ramos a história local sobre Sebastião Maduro, meu bisavô.

6.3 Sertãozinho

É abordada a história do engenho da família Mesquita que existia no bairro Sertãozinho e que foi desativado; o mesmo encontra-se no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná- MAE.

6.4 Ser tão Pescador

Através da relação que o Sebastião Maduro com tinha com a pesca é representada a relação do Caiçara com a atividade de pesqueira. Mostra-se também neste capítulo a história do meu primo Gilmar Ramos com a confecção de tarrafas.

6.5 Ser tão perto

Outra atividade inerente da cultura caiçara é a agricultura; este capítulo apresenta a relação da Dona Marcília, com a roça e com a fabricação de farinha de mandioca.

6.6 Ser tão divino

São retratadas as procissões do Divino e Santíssima Trindade no município de Matinhos , prática de grande importância na religiosidade caiçara, também abordando as modificações na estruturação dos grupos e a perda dessa manifestação religiosa.

6.7 Ser tão

Este capítulo é dividido em dois momentos. O primeiro aborda a relação do Raulino Ramos com a confecção de cestos de cipó como meio de aproximação e resgate de memórias do irmão que faleceu. E o segundo, traz a materialização da perda de memórias por meio da demolição da casa do meu avô, Alaor Ramos.

7. Organização dos assuntos

7.1 Mapa mental

Os assuntos do documentário foram organizados através de um mapa mental e posteriormente, no programa de edição, foram classificados por cores.

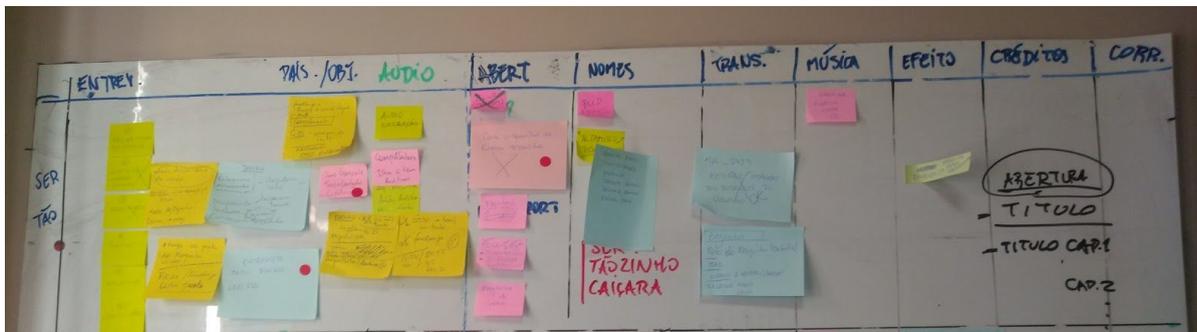


FIGURA 1: Mapa mental.

7.2 Espiral

Outro método de organização utilizado foi a espiral, que mostra o desenvolvimento do filme a partir da área de abrangência. Cada eixo representa uma temática abordada e a especificação dos assuntos que essas temáticas foram trabalhadas no filme.



FIGURA 2: Espiral de assuntos.

8. Entrevistados

A escolha dos entrevistados se deu por conta das práticas que desenvolvem.

Foram 4 entrevistados, sendo eles:

8.1 Raulino Ramos, nascido no município de Matinhos, 75 anos, morador do bairro Sertãozinho desde seu nascimento. Confecciona cestos de cipó. Através de suas histórias, orienta o prosseguimento dos assuntos abordados durante o filme.

8.2 Gilmar Ramos, nascido no município de Matinhos, 54 anos, morador do bairro Sertãozinho desde seu nascimento. Confecciona redes e tarrafas de pesca.

8.3 Marcilia Alves, nascida no município de Guaratuba, 69 anos, moradora do bairro Sertãozinho há 30 anos. Cultiva mandioca e produz farinha.

8.4 Jandira Ramos, nascida no município de Matinhos, onde reside desde seu nascimento, 71 anos. Artesã; sua contribuição no filme ocorre através de suas percepções e memórias sobre as procissões do Divino, Trindade e demais práticas religiosas.

9. Produção e edição

9.1 Imagens

As imagens do documentário foram captadas pelas câmeras Sony Handycam, e por uma Canon T6i com lentes de 85mm e 18-55mm.

9.2 Áudio

Os áudios das entrevistas e imagens de preenchimento foram gravados através do microfone lapela, ou áudio captado da câmera

9.3 Iluminação

Não foram utilizados instrumentos de iluminação. A luz captada é natural dos ambientes de filmagem.

9.4 Trilha sonora

A trilha sonora do filme é composta por duas músicas: a primeira, utilizada na abertura, intitulada “Casa da Floresta”, do álbum “Movimento Manifesta Sentimento”, composta por Nanan e cedida para a utilização no documentário; segunda, utilizada ao longo do filme, intitulada “Manhã de Carnaval” composta por Luiz Bonfá e interpretada por Luciana Elizondo e Quito Gato.

9.5 Edição

As filmagens foram editadas através do software de edição de vídeos *Premiere*

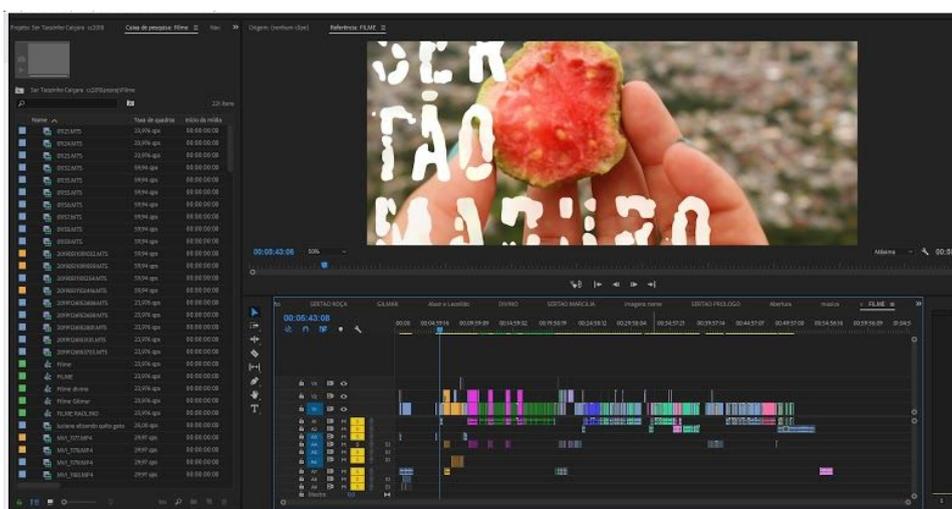


FIGURA 3: Estruturação no programa *Premiere*.

10 Roteiro

Prólogo

Imagem	Áudio	Descrição Ideia
Bairro Sertãozinho, filmagem feita em cima de um morro.	Áudio ambiente da filmagem, narração em off.	Contextualizar o área abordada no filme.
Foto e certidão de nascimento de Sebastião Ramos	Narração em off e trilha sonora.	Mostrar Ernestina e Sebastião Ramos e o ano e local de nascimento.
Filmagem da maleta com pertencentes da família Ramos.	Áudio ambiente da filmagem, narração em off e trilha sonora.	Demonstrar através dos pertences as memórias.

Abertura

Imagem	Áudio	Descrição Ideia
Imagens do cotidiano do bairro Sertãozinho e paisagens.	Trilha sonora Casa da Floresta- Movimento Manifesta Sentimento- Nanan.	Ilustrar os assuntos abordados durante a música com fim de demonstrar elementos presentes no modo de vida caiçara.
Trecho da canção “Casinha feliz” de Gilberto Gil.	Sem áudio	Retratar elementos do modo de vida caiçara.
Imagem do cotidiano do bairro Sertãozinho	Áudio da filmagem	Retratar elementos do cotidiano do bairro Sertãozinho.

Ser tão Maduro

Imagem	Áudio	Descrição Ideia
Chegada na casa do Raulino Ramos	Áudio da filmagem	Ilustrar chegada na casa
Entrevista com Raulino Ramos	Áudio da filmagem	Contar a história do apelido "Maduro"

Sertãozinho

Imagem	Áudio	Descrição Ideia
Imagem de um álbum de fotografias	Áudio da filmagem	Contar a história do engenho da família Mesquita
Imagem engenho no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR- MAE	Áudio da entrevista anterior	Ilustrar a fala do entrevistado
Imagem da miniatura de engenho	Áudio da entrevista	Demonstrar funcionamento do engenho

Ser tão Pescador

Imagem	Áudio	Descrição Ideia
Entrevista Raulino Ramos	Áudio da filmagem	Contar a relação do Sebastião Maduro com a cooperativa de extração de óleo de cação.
Entrevista Gilmar Ramos	Áudio da filmagem	Contar o início da sua relação com a confecção de tarrafas
Entrevista Raulino Ramos	Áudio da filmagem	Contar sobre o fim da cooperativa.
Entrevista Gilmar Ramos	Áudio da filmagem	Contar sobre o modo que as tarrafas eram produzidas antigamente
Entrevista Raulino Ramos	Áudio da filmagem	Contar sobre a utilização do óleo extraído do cação
Entrevista Gilmar Ramos	Áudio da filmagem	Mostrar os instrumentos utilizados para confecção da tarrafa
Entrevista Raulino Ramos	Áudio da filmagem	Contar sobre a relação do Sebastião Maduro com a pesca.

Entrevista Gilmar Ramos	Áudio da filmagem	Contar história de pescaria
Entrevista Gilmar Ramos	Áudio da filmagem	Contar sobre a perda da prática de confecção de tarrafas e preconceito por conta do seu ofício.

Ser tão Perto

Imagem	Áudio	Descrição Ideia
Entrevista Raulino Ramos	Áudio da filmagem	Contar a relação do Sebastião Maduro com a roça. Aborda temáticas como: mutirão e fandango
Chegada na casa da Dona Marcília Alves	Áudio da filmagem	Ilustrar chegada na casa
Imagens da Dona Marcília andando na mata	Áudio da filmagem	Mostrar familiaridade da Dona Marcília com o ambiente
Entrevista com a Dona Marcília no pé de mimosa	Áudio da filmagem	Mostrar a relação com o ambiente
Imagem Dona Marcília na roça de mandioca	Áudio da filmagem	Mostrar relação com a roça
Entrevista com a Dona Marcília na casa de farinha	Áudio da entrevista	Demonstrar processo de produção da farinha de mandioca
Entrevista com a Dona Marcília	Áudio da entrevista e trilha sonora	Mostrar sentimento da perda das práticas desenvolvidas pela entrevistada

Ser tão Divino

Imagem	Áudio	Descrição Ideia
Imagens das procissões religiosas de Iguape e Aparecida	Narração em off e trilha sonora	Mostrar a relação do Sebastião Maduro com a religiosidade.
Imagens da exposição sobre o divino e a Santíssima Trindade	Narração em off, áudio da filmagem e trilha sonora.	Contar sobre a relação da minha bisavó com o Divino e a Trindade.
Imagens da procissão do Divino e Trindade em Matinhos	Áudio da filmagem	Mostrar procissão nas ruas
Conversa entre Dona Jandira, Seu Jorge e Cristina	Áudio da filmagem	Citar mudanças na forma com que as procissões ocorriam
Imagens do canto do Divino e Trindade	Áudio da filmagem	Mostrar o canto do Divino e Trindade nas residências
Imagens das reações dos fiéis	Áudio da filmagem	Mostrar emoção dos fiéis ao receberem as bandeiras
Conversa da Dona Jandira	Áudio da entrevista	Citar práticas religiosas que estão acabando: Terço cantado, São Gonçalo e Folia de Reis.
Fala da Dona Jandira	Áudio da entrevista	Mostrar a perda da prática do Divino e Trindade

Ser tão

Imagem	Áudio	Descrição Ideia
Entrevista com o Raulino	Áudio da entrevista, narração em off e trilha sonora.	Contar relação da família Ramos e do Raulino com a confecção de cestos.
Imagens da casa do Alaor Ramos	Áudio da filmagem, narração em off e trilha sonora.	Mostrar detalhes da casa, imagens e objetos religiosos, nomes nas paredes.
Imagem demolição da casa	Áudio da filmagem e narração em off.	Mostrar a perda da casa
Imagem Leonildo Ramos	Áudio da filmagem e narração em off	Mostrar sentimento de perda
Imagem maleta se fechando	Áudio da filmagem	Concluir a metáfora das histórias estarem guardadas na maleta
Imagens do Leonildo andando de bicicleta, na beira da praia e cemitério	Áudio da filmagem, trilha sonora	Mostrar a continuidade das histórias

REFERÊNCIAS

BARROS, José D' Assunção. **Cinema e história – as funções do cinema como agente, fonte e representação da história.** Ler história. 2007. 159 p.

CASTRO, Debora. **O documentário como estratégia de comunicação nas Organizações Não Governamentais.** IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, Dourados, 2008.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: Edusc, 1999.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. 169 p.

PAES, Sílvia. **Espaço da vida, espaço da morte, na trajetória caiçara.** Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.

MEMORIAL DAS INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS- ICH

2015

Educação, Filosofia e Política

Minha primeira ICH foi um espaço de diálogo sobre diferentes temáticas que envolvessem educação, filosofia e política. As temáticas eram definidas pelos estudantes, que no encontro seguinte traziam conteúdos para compartilhar com os colegas e debater. As discussões eram mediadas pelo professor Marcos Zanlorenzi. As experiências foram muito enriquecedoras e através dela, compreendi a função da ICH como um espaço de criação coletiva.

Espaços não- formais de ensino

A proposta da ICH foi de compreendermos a importância dos espaços não formais de ensino através da bibliografia, que era lida durante as aulas e compartilhada com a turma e também para vivenciarmos esses espaços. Ao longo dos encontros realizamos visitas técnicas com o professor Rodrigo Reis no Museu Oscar Niemeyer- MON, Parque Newton Freire Maia, Parque Estadual Rio da Onça e por fim o Planetário do Colégio Estadual do Paraná.

2016

AstronomiCH

A proposta da ICH era de visualizarmos corpos celestes, mas infelizmente os muitos encontros coincidiram com dias chuvosos. Nesses dias em que a visualização estava comprometida, assistimos filmes de ficção científica relacionados à temática com explicações científicas do professor Emerson Joucoski. Ao final do ICH realizamos uma visita ao Planetário e ao Observatório Astronômico do Colégio Estadual do Paraná.

2017

Automapeamento (cartografia social) para o bem-viver nos territórios

Meu primeiro contato com o instrumento da Cartografia Social ocorreu em uma FTP, despertando meu interesse para aprofundar no assunto. A ICH foi mediada pelo

professor Marcos Zanlorenzi. Compreendemos diversas vertentes da Cartografia através da Análise de periódicos da “Nova Cartografia Social da Amazônia”, que ao final dos encontros eram compartilhadas com o coletivo. Foram convidados profissionais que atuam com o mapeamento coletivo em terras indígenas e quilombolas no Paraná, que compartilharam suas experiências.

Educação popular no litoral paranaense: território de resistência e criatividade

A ICH seguiu a mesma metodologia que a educação, filosofia e política”, também mediada pelo professor Marcos Zanlorenzi. Assuntos da atualidade eram discutidos através das percepções dos componentes da turma, possibilitando discussões multidisciplinares e enriquecedoras.

2018

Memórias coletivas caiçaras

Os encontros ocorreram no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR- MAE, no município de Paranaguá. A ICH foi mediada pelo professor Eduardo Harder e a proposta era que os diálogos ocorressem a partir das obras expostas e as memórias do Seu Ribeiro, estudante de Linguagem e Comunicação e contador de histórias, que compartilhava suas experiências e lembranças em Paranaguá há décadas. Com o passar dos encontros visitamos diversas construções históricas de Paranaguá, entre elas: Igreja de São Benedito, Fontinha; Igreja de São Benedito, Biblioteca Municipal e até mesmo o Cemitério.

2019

Zooich

Foi um espaço que busquei conciliar com os aprendizados do meu estágio; sentia falta de conhecimentos específicos de Zoologia, em especial a Zoologia Marinha. A ICH foi mediada pelo professor Luis Mestre. Ao longo do semestre, trabalhamos com aspectos da biodiversidade da área marinha e costeira do Litoral do Paraná. As aulas eram divididas entre a sala de aula com conceituação teórica sobre a taxonomia trazidas pelo professor e apresentações de trabalhos em grupo com temáticas que unissem uma espécie que tivéssemos estudado a uma problemática

ambiental, sempre trazendo para o contexto do Litoral do Paraná. A outra metade da aula consistia na prática no laboratório; eram expostos animais em meio líquido, taxidermizados e em lâmina, assim, reforçando o conhecimento das aulas teóricas.